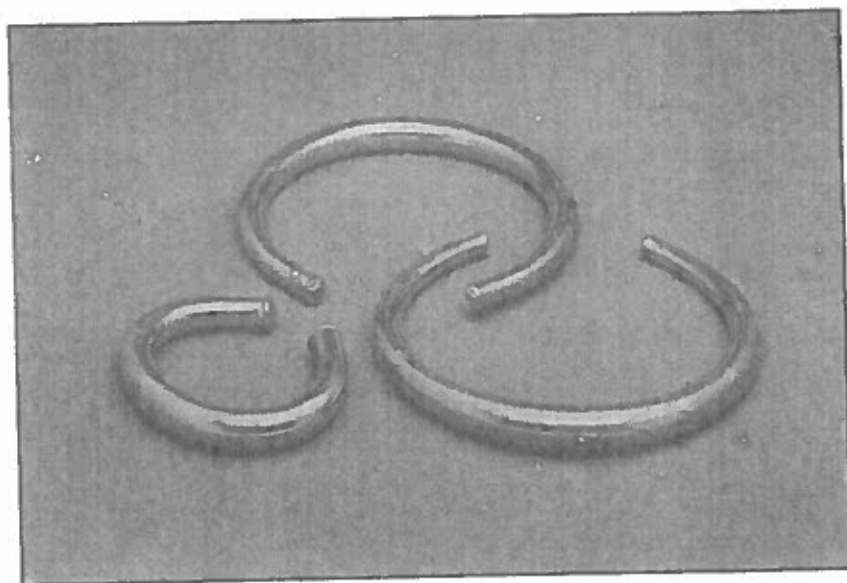


CELSO TAVARES DA SILVA

# O CASTRO DE BAIÕES

(S. PEDRO DO SUL)



Senhora da Guia/Baiões — S. Pedro do Sul, Viseu.  
N.ºs Catálogo Ourivesaria do M N A E 288, 289, 290.

SEPARATA  
Edição da  
Assembleia Distrital de Viseu  
1982

CELSONO TAVARES DA SILVA

# O CASTRO DE BAIÕES

(S. PEDRO DO SUL)

## I — CULTURA CASTREJA

Na segunda metade do primeiro milénio a. C., floresceu, no Noroeste da Península Hispânica, uma cultura muito específica, chamada cultura dos «castros», ou simplesmente «castreja», que atingiu o seu apogeu nos tempos que imediatamente precederam as invasões romanas e se tornou, na opinião de alguns arqueólogos, a mais característica e espectacular da pré-história local (1).

O termo «castro» é de origem latina e, por ele, se designam os antigos povoados dessa região, implantados no cimo dos montes e defendidos por uma ou mais linhas de muralhas, em consequência da instabilidade social que se vinha processando ao longo da Idade do Bronze, com maior incidência no Bronze Final, quando se intensificaram as invasões de povos vindos de Leste.

Os castros contam-se por alguns milhares e cobrem uma vasta área que se estende, a Norte, por toda a Galiza e Astúrias, com faixas de infiltração para Leste, ao longo do Douro e em direcção a Ávila, descendo para Sul através do território português, até às proximidades do Mondego.

Foram as condições geográficas desta zona montanhosa que levaram as populações primitivas a alondorar os povoados no cimo dos montes e a fragmentarem-se em inúmeras tribos que frequentemente se guerreavam na disputa das melhores terras.

Cerca de cinquenta tribos são mencionadas pelos antigos escritores na Península, embora a Arqueologia não consiga ainda determinar concretamente as respectivas etnias e ambientes culturais que, de resto, os mesmos autores irmanam em muitos aspectos.

sobretudo em ouro e estanho, já largamente aproveitadas pelas tribos pré-romanas (3).

Segundo Maluquer de Motes (4), podemos dividir a cultura castreja em quatro etapas:

Na primeira, os povoados, pouco a pouco, vão-se constituindo por agrupação de vivendas, em cuja construção se utilizam exclusivamente os elementos de origem vegetal. São os continuadores da população semi-nómada megalítica que se vão fixando à terra, motivados principalmente pela riqueza estanhífera do Noroeste, cuja exploração se intensifica, graças aos estímulos vindos do Sudoeste peninsular, onde, nessa altura, a civilização tartéssica vinha caminhando para a sua máxima expansão e desenvolvimento.

Na segunda fase, iniciada por alturas do ano 500 a. C., surgem as vivendas circulares e se desenvolvem os sistemas defensivos como consequência da instabilidade social e de um acusado particularismo. É neste período que a cultura castreja atinge o seu maior esplendor e se individualiza, revestindo-se de características muito peculiares, resultantes de um relativo isolamento que, todavia, não impede os variados contactos, principalmente de ordem comercial, com outras civilizações contemporâneas, nomeadamente mediterrânicas.

A etapa seguinte é a das relações com o mundo romano até Augusto, devendo ter começado com as campanhas de Junius Brutus, o presumível construtor da Cava de Viriato e de outros acampamentos similares.

O processo da conquista romana foi demorado e difícil, arrastando-se ao longo de dois séculos, graças à resistência dos castros, cujos moradores, entretanto, foram reforçando os seus sistemas defensivos e se prepararam para a luta gigantesca a que só a tração conseguiu pôr termo.

Pacificada a Península, a romanização acabou por impor-se, principalmente nos meios urbanos, enquanto nas áreas rurais foi sobre vindo a tradição indígena, mesclada de elementos romanos,

Os textos de Políbio, de Estrabão, de Pomponio Mela, de Plínio, de Tito Lívio e outros dão-nos já informações bastante precisas sobre a vida dos habitantes dos castros, quer no campo económico e social, quer no religioso e artístico. Por eles, sabemos que os Lusitanos formavam a tribo mais importante e mais aguerrida do Ocidente peninsular e ocupavam o território compreendido entre o Douro e o Tejo, tendo como vizinhos, a Norte, os Bracatos e os Calaiicos e, a Leste, os Ástures, os Vetones e outros

Refere Estrabão que os povos do Norte viviam com simplicidade e dormiam sobre a terra nua (5). Bebiam água, cerveja de cevada e leite de cabra, ficando o vinho reservado apenas para os festins. O principal alimento nas montanhas era constituído, durante uma grande parte do ano, pelas glandes de carvalho, que, depois de torradas, eram moídas e utilizadas no fabrico do pão. Cultivavam a vinha, a oliveira, a figueira, a cevada e o trigo. Apreciavam sobretudo a caça e a carne dos seus rebanhos. Nos banquetes, sentavam-se num banco encostado à parede, segundo a idade e condição, e a comida andava ao redor. Para beberem serviam-se de vasos de madeira e, quando para isso se reuniam, executavam danças de roda ao som da flauta ou da buzina. Combinavam-se com uma capa preta, com que também dormiam sobre a terra; as mulheres, porém, gostavam de vestidos de cores.

As explorações arqueológicas que se vêm processando de há várias décadas para cá, tanto em Portugal como em Espanha, confirmam e alargam amplamente as informações dos antigos historiadores e permitem-nos reconstituir, com relativa exactidão, as estruturas dos povoados e acompanhar o processo evolutivo dos seus moradores.

A concentração dos castros no Noroeste peninsular é devida às condições geográficas da região, fortemente acidentada e de clima atlântico, e, por isso mesmo, com melhores meios de produtividade e de segurança social; e ainda às suas riquezas minerais

até aos séculos III e IV, alturas em que o evoluir natural da sociedade pós termo à cultura castreja.

Das características físicas dos habitantes dos castros, ao certo, nada se sabe, visto, na época, a incineração dos cadáveres constituir prática generalizada e a rudeza das raras estátuas dos chamados guerreiros lusitanos não permitir ilações de valia a tal respeito. Resultaram, sem dúvida, da fusão de várias estirpes étnicas com os autóctones, com relevância possível do elemento celta, cujo produto final, segundo Mendes Correia, não se afastará muito do actual biótipo da região.

A Arqueologia não conseguiu ainda determinar, com precisão, qual o conjunto dos elementos que caracterizam esta cultura, reconhecendo-se, contudo, que a sua originalidade assenta, acima de tudo, no tipo evolutivo da habitação e na disposição do aglomerado populacional. A distribuição das vivendas obedecia exclusivamente à topografia local, sem qualquer preocupação urbanística.

## II—O CASTRO DE BAIÕES

### A—*Situação e antecedentes*

Coordenadas de Greenwich:

40° 45' 94" Norte  
08° 15' 62" Oeste  
Cota: 476

Situa-se dentro dos limites da freguesia de Baiões, concelho de S. Pedro do Sul, no chamado Monte da Senhora da Guia, em razão da capela que, sob esta invocação, aí foi implantada em tempos muito recuados, a cerca de quatro quilómetros a Oeste da referida vila e sensivelmente à mesma distância a Norte das Termas de S. Pedro. Faz parte de um conjunto de pequenas elevações sobranceiras ao Vouga, como primeiros contrafortes da serra da Gralheira, e enquadra-se numa região fortemente acidentada e de notável beleza panorâmica, cortada pelo vale profundo do rio e emoldurada a Sul pelo Caramulo, a Norte e Poente pelas várias ramificações do maciço do Montemuro, e a Nascente pelo Planalto Beirão. (Est. I, foto 1)

Os numerosos cursos de água que descem das encostas e consequente fertilidade dos terrenos marginais foram motivo de fixação de populações desde remota antiguidade, atestada pelos numerosos monumentos pré-históricos da região.

de evitar possíveis reacções desfavoráveis, como tantas vezes acontece.

#### B—As escavações

Fizeram-se algumas prospecções preliminares, assentando-se, por fim, na demarcação de duas áreas a escavar: a primeira, junto às muralhas, no canto a Noroeste da capela, a fim de se estudar as respectivas estruturas, e a segunda, a Norte da capela, no espaço compreendido entre esta e o parque de estacionamento, por aí nos parecer nunca ter sido remexido o terreno e a camada ser mais alta. À primeira se convencionou dar o nome de «sector A» e à outra o de «sector B». (Est. II)

As escavações tiveram início no dia 23 de Julho de 1973. Começou-se pelas sondagens junto às muralhas, constatando-se, do lado exterior, um aparelho muito rudimentar e, do lado interior, um simples amontoado de pedras, sem qualquer vestígio da respectiva face. A zona revelou-se bastante pobre em materiais arqueológicos, pois apenas se encontraram alguns fragmentos de cerâmica, pouco significativos, e uma mó em forma de sela.

Terminadas as sondagens junto à muralha, passou-se à exploração do «sector B», onde o esquema de trabalho previamente se preparara.

Os resultados da exploração das duas primeiras quadrículas não foram francamente animadores, porquanto a camada superior, a cobrir a rocha subjacente, se apresentou muito estreita e quase desprovida de materiais. Só começaram a tornar-se verdadeiramente compensadores com o levantamento das camadas das quadrículas seguintes, e sobretudo, com a implantação de dois

Já em princípios do século XVIII, em referência à capela da Senhora da Guia, escrevia Frei Agostinho de Santa Maria:

«Cavando-se no mesmo sítio, se tem achado pedaços de ouro lavrado, como argolas, e outras cousas semelhantes» (6).

Embora a lenda do ouro e tesouros encantados ande associada a quase todos os locais de interesse arqueológico, a referência explícita a argolas de ouro faz suscitar a ideia de, no local, já em tempos remotos, terem aparecido outros exemplares dos célebres *torques* ou *braceletes* usados pelos habitantes dos castros. O certo, porém, é que em 1947, por ocasião das obras da abertura da rua que circunda o adro, a cerca de 8 metros e para Sueste da escada de acesso ao mesmo adro, foram encontradas, debaixo de uma pedra, três magníficas jóias que hoje fazem parte da colecção do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa. Trata-se de dois *torques* e uma *viriá*, todos de ouro maciço, com o peso global de cerca de mil e quinhentos gramas, de secção circular, abertos e com remates em botão, os quais, pela semelhança de forma, denotam ter saído das mãos do mesmo ourives. Os *torques* apresentam uma decoração geométrica, muito característica, finalmente lavrada, com paralelismos fáceis em jóias semelhantes dos finais do Bronze e princípios do Ferro, nomeadamente o bracelete de Guimarães, os torques de Sagrajas, Berzocana, etc.

Em 1971, por ocasião de outras obras, entre várias cerâmica, foi descoberto um conjunto de peças de bronze, constituído por dois machados de tipo «palstave», uma ponta de lança, um pequeno bracelete, um fragmento de vaso e uma placa com decoração vazada. (Est. I, foto 2).

Bastaria o enunciado destes achados fortuitos para fazer despertar, no espírito de qualquer amator de antiguidades, o desejo de proceder a explorações locais.

Obtida a necessária autorização por despacho do Senhor, ao tempo, Secretário de Estado da Instrução e Cultura, houve o cuidado de previamente mentalizar a população da freguesia, a fim

- 1 ponta de seta, ou de dardo, de forma lanceolada, de 57 mm de altura por 17 mm de largura máxima;
- 1 ponta de lança com o cabo em alvado e três nervuras ao longo da folha, sendo a do centro mais desenvolvida;
- 1 ponta de lança fracturada junto à base e deformada por acção prolongada do fogo;
- 1 terminal de haste de lança, com orifício destinado à afixação e remate em botão;
- 15 argolas de vários diâmetros;
- 23 fragmentos de outras tantas argolas;
- 1 lâmina de um punhal triangular, de 12 cm de comprimento por 6 cm de largura máxima, com dois orifícios destinados à afixação, num dos quais se encontra ainda o respectivo rebite;
- 2 espátulas, ou cabos vasados de objectos indeterminados;
- 1 espceto com o comprimento total de 59 cm. O punho é rematado por uma argola fracturada e separado da lâmina por uma anilha móvel com uma cabeça de galo (?) e dois espigões em posições opostas;
- 3 fusilhões e parte de uma fíbula que parece ter sido de dupla mola; vários fragmentos que não permitem a identificação dos objectos de que fizeram parte. (Est. IV e V).

c) Cerâmica

É particularmente no conjunto ceramológico que o castro de Baiões assume maior importância, apresentando uma cerâmica.

novos sectores, localizados respectivamente a Noroeste e a Sudoeste da capela.

C — *Relação do espólio*

a) Objectos líticos:

- 23 moinhos de tradição neolítica, em forma de sela, e vários fragmentos de outros;
- 2 pequenos machados de quartzo, de secção elíptica e de contorno triangular, sem qualquer indício de utilização, pelo que deverão ser tidos como objectos votivos;
- 1 machado de anfibolito, fracturado, de secção oval;
- 1 fragmento de machado da mesma rocha;
- 1 goiva da mesma rocha, de secção circular;
- 1 escopro, de secção rectangular e com a parte superior inacabada;
- 1 fragmento de outro escopro;
- 2 raspadores de sílex;
- 1 raspador de cristal de rocha;
- 1 raspador de rocha;
- 1 braçal de arqueiro, de rocha não classificada;
- 23 pesos de tear, formados por pequenos calhaus rolandos, de xisto, com entalhes laterais;
- várias pedras de afiar e percutores, com nítidos sinais de prolongada utilização. (Est. III, 1 e 2)

b) Objectos de bronze:

- 1 ponta de seta triangular, com pedúnculo desenvolvido, de 30 mm de altura por 9 mm de base;

3 — *Cerâmica brnida com aplicação de aguada de polimento.* Constituem este tipo os vasos que apelidamos de luxo, quer lisos, quer ornamentados. As paredes são finas e a pasta de boa qualidade, sem inclusões de elementos não plásticos, enrijecida por uma boa cozedura. Domina a cor castanho-escura e a restante é preta. As dimensões dos vasos são, geralmente, pequenas e as paredes finas. A sua percentagem não atinge 20%. O engobo não é frequente nem aparece nos vasos de paredes finas. Aliás, o aspecto das vasilhas engobadas é rude e primitivo. A coloração do núcleo é escura, com a presença de partículas arenosas e mal cozido. As cores exteriores vão do vermelho-castanho ao castanho acinzentado. O engobo é quase exclusivo da chamada cerâmica «penteadas».

#### b) — Técnica de fabrico

Toda a cerâmica da Senhora da Guia foi feita à mão, sem o auxílio da roda do oleiro. A cozedura é bem irregular, na generalidade, deixando, por vezes, a pasta friável ou então imprimindo manchas escuras no meio da superfície castanha. Os pequenos vasos, que consideramos de luxo, mostram uma boa e regular queima.

#### c) — Decoração

Neste complexo cerâmico, quatro formas de decoração se encontraram: *incisa, pontilhada, estampada e penteada.* (Est. VI, VII, VIII, IX e X).

1 — *Decoração incisa* — Os motivos geométricos incisos dominam em absoluto e localizam-se, quase sempre, na parte superior

que se pode considerar típica, e fornecendo dados valiosos em ordem a uma revisão cronológica de certos motivos decorativos.

Já no III Congresso Nacional de Arqueologia, realizado na cidade do Porto em 1973, quando, pela primeira vez, revelámos esta notável estação arqueológica, foi a sua cerâmica que despertou o maior interesse, mostrando-se todavia as opiniões algo discordantes, principalmente nos aspectos respeitantes a cronologia e conexões. E assim, enquanto para uns o conjunto cerâmico mais expressivo deveria situar-se no Bronze Final, ou mesmo Médio, para outros, teria de avançar para o Ferro. A dificuldade dimitava da presença de *cerâmica estampada*, comumente considerada do Ferro e tipicamente castreja, ao lado de padrões de características arcaizantes, sem que, no desenrolar das escavações, se tivessem constatado estratigrafias comprovativas de ocupações diferenciadas. Toda a cerâmica é modelada à mão, sem o auxílio da roda do oleiro.

Faremos, para melhor compreensão do conjunto ceramológico de Baiões, uma sucinta análise sob vários aspectos:

#### a) Natureza da pasta e aspecto exterior

1 — *Pasta grossa.* Inclui sempre grande quantidade de materiais não plásticos, sobretudo, partículas de quartzo. A cozedura é fraca e as superfícies, de cor escura ou castanha, apresentam-se rugosas e irregulares. A espessura, conforme as dimensões do vaso, oscila entre 5 e 10 mm.

2 — *Cerâmica de paredes brnidas, sem engobo.* A cor dominante é castanha e as dimensões muito variadas, com o predomínio dos vasos de grandeza média. É o tipo mais abundante com uma percentagem calculada à volta de 60%.



Foram recolhidas, neste castro, mais de cinquenta variedades de decoração incisa e cartoze de decoração estampada, soma que parece colocar esta estação em lugar cimeiro, porquanto, o castro de Sabroso, considerado o mais rico sob este aspecto, não atinge quatro dezenas de variedades (6). Todavia, esta cerâmica fica muito longe da riqueza decorativa do vaso campaniforme e mesmo da cerâmica da Penha. A imaginação do oleiro, agarrada ao geométrico tradicional, revela-se pouco inventiva, tornando-se incapaz de descobrir outros temas ou de traçar novos rasgos para além de insignificantes variações de motivos já gastos. Falta-lhe ainda a firmeza do traço, e aqui se revela a mão hesitante do rude oleiro a riscar superficialmente a parede do vaso já cozido. Só na decoração estampada surge uma segura maturidade e um acen-tuado gosto artístico.

#### d) — Formas e dimensões

Tanto umas como outras são variadíssimas. Predominam as formas de vaso com fundo plano e bojo desenvolvido, mais ou menos globular, e gargalo alto. Os vasos de dimensões médias, na generalidade, são providos de uma ou duas asas. As grandes vasilhas não as possuem e as pequenas têm uma ou nenhuma. As asas mais comuns são em arco espalhado e situam-se na parte superior do bojo. Também aqui apareceu uma asa localizada na parede interior do recipiente, facto constatado frequentemente nos castros do Norte (7) que, no caso presente, nos parece pertencer a um cadinho de fundição. Incluímos ainda na designação de asas outras saliências de formas variadas, mais ou menos mamilares, algumas das quais são perfuradas verticalmente. Estes furos, destinados à suspensão por meio de fios, aparecem com relativa frequência e situam-se no gargalo ou no bojo, em maior ou menor número, conforme o peso a sustentar.

do bojo, formando uma faixa à volta do gargalo. Só um caso se registou em que os elementos decorativos, na chamada forma de «arame farpado», nos aparecem em linhas verticais na face exterior do gargalo. Constituem figurações triangulares, losangos, linhas em zigzague e os denominados padrões «espigas de centeio», «dentes de lobo», «espinha de peixe», «arame farpado», etc. As figuras triangulares são umas inscritas, outras preenchidas por linhas paralelas, verticais, ou oblíquas.

É uma decoração bastante típica que confere ao conjunto uma certa originalidade, a qual julgamos poder vir a constituir um novo tipo. Na decoração incisa incluímos também os bordos dentados, bem frequentes e exclusivos da cerâmica de feição mais primitiva.

2 — *Decoração pontilhada*. — A decoração pontilhada segue de perto as figurações triangulares da incisa, acrescentando, às vezes, uma roseta a rematar o vértice inferior.

3 — *Decoração estampada*. — É neste tipo que encontramos os padrões mais belos e de mais perfeita execução, formando largas faixas que se estendem abaixo do bojo, em combinações variadas de grande efeito decorativo, a que não faltam os típicos renques de palmípedes estilizados, os minúsculos escudetes com basantes, os círculos simples ou concêntricos, as meias luas, etc.

4 — *Cerâmica penteada*. — O penteado aparece quase sempre sobre o engobo mal alizado, a cobrir uma pasta grosseira, de fraca queima e com inclusões não plásticas. Raras vezes cobre a totalidade da superfície do vaso, incidindo no gargalo e na parte superior do bojo.

Incluímos ainda, nos motivos decorativos, as protuberâncias mamilares, mais ou menos espaçadas, a rodearem a pança do vaso, ou a servirem de asas, com ou sem furos verticais.

De interesse particular são as taças carenadas e as geminadas. As primeiras, com dimensões muito reduzidas, apresentam o fundo semi-esférico, centrado por uma pequena recêntrica, à maneira de dedada, e as segundas, um tanto maiores, são unidas na pânça e nos bordos pela asa. (Est. XI)

d) — Adornos

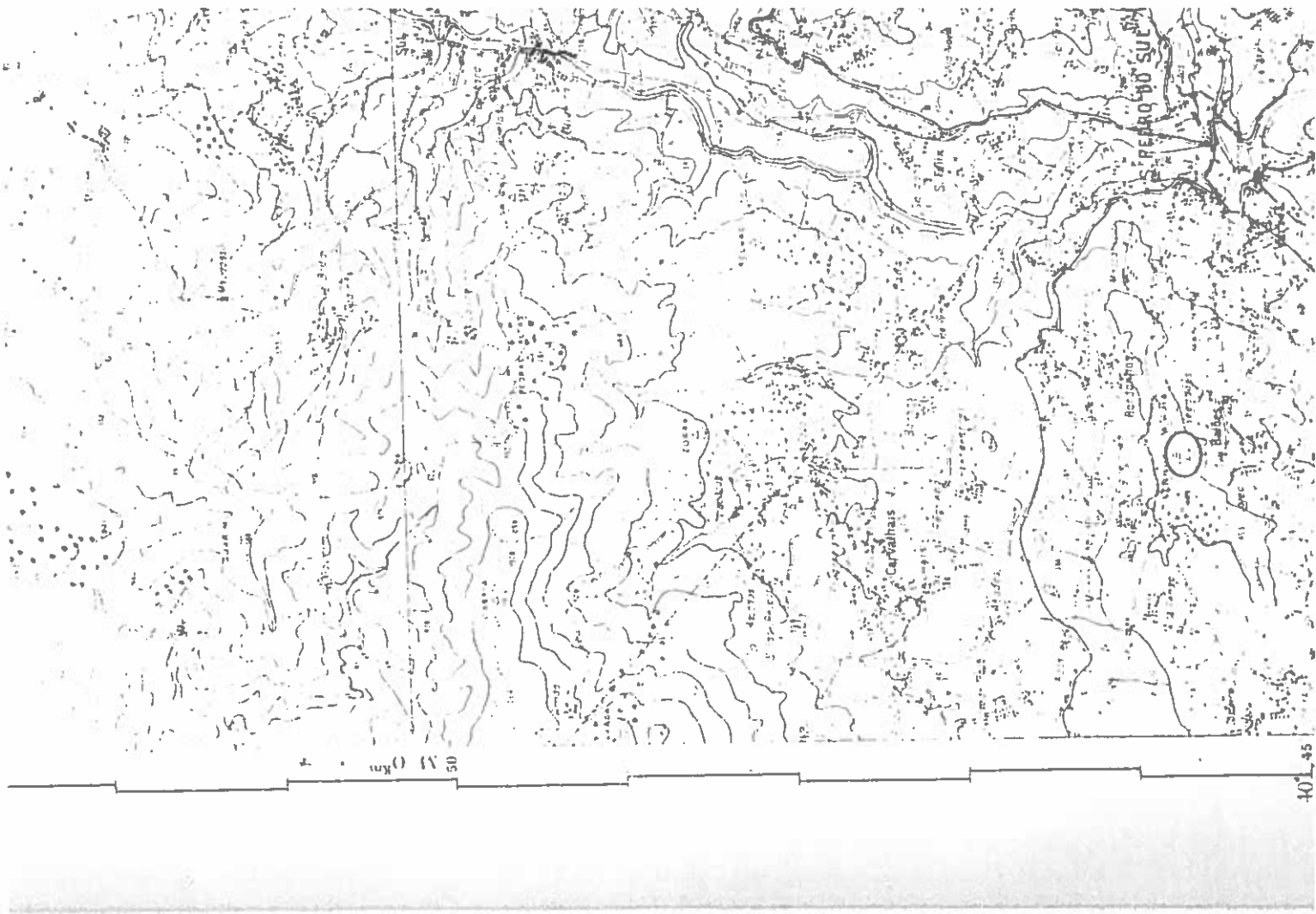
Neste aspecto, apenas mencionamos 6 contas e um pingente. O material recolhido não foi abundante nem rico; no entanto, é suficientemente expressivo para demonstrar uma actividade comercial alargada, que a presença do âmbar comprova.

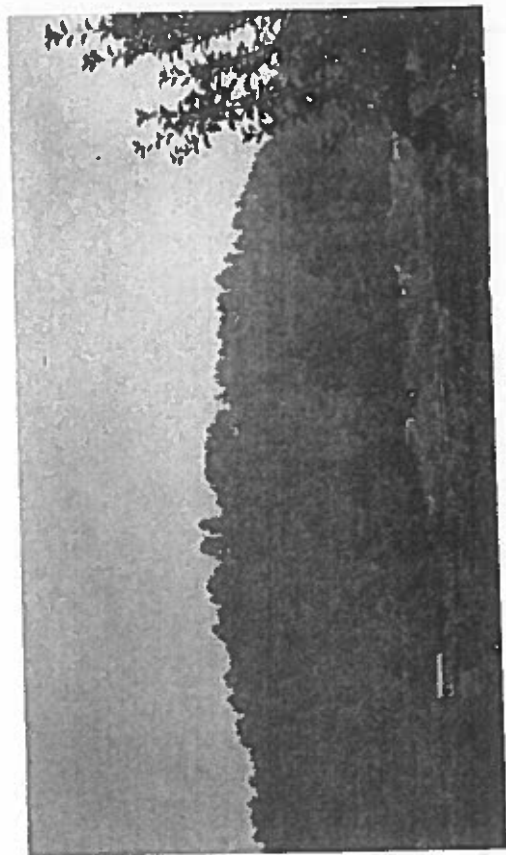
Objectos encontrados:

- 1 conta de filádio, em forma de disco e de aspecto grosso;
- 1 conta de xisto de forma bitroncónica, muito bem polida;
- 1 conta discóide de matéria não identificada;
- 3 contas de âmbar e fragmentos de outras;
- 1 placa de corneana, de contorno oval e perfurada, usada certamente como pingente.

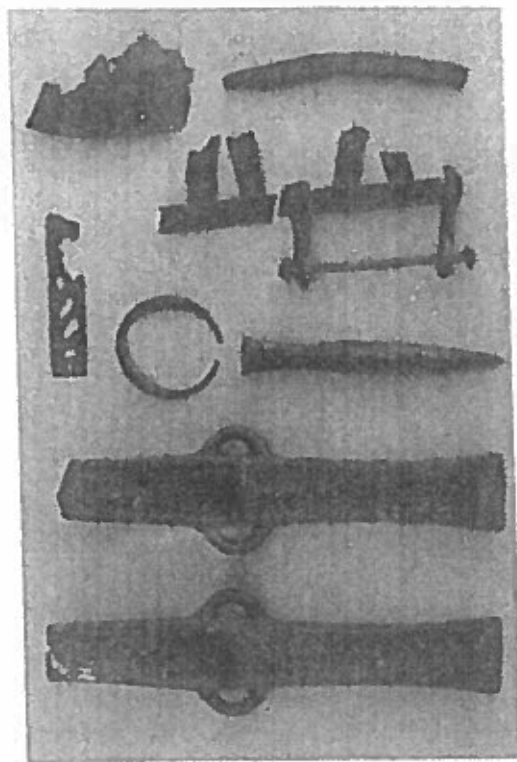
e) — Sementes e impressões vegetais

Foi recolhida, na crivagem da terra, uma apreciável e variada colecção de sementes carbonizadas de cujo estudo se encarregou A. R. Pinto da Silva, conhecido paleobotânico da Estação Agronómica Nacional. Como síntese do seu trabalho, apresentou uma notável comunicação ao Congresso Internacional de Paleobotânica, realizado, por essa ocasião, em Cracóvia (8).



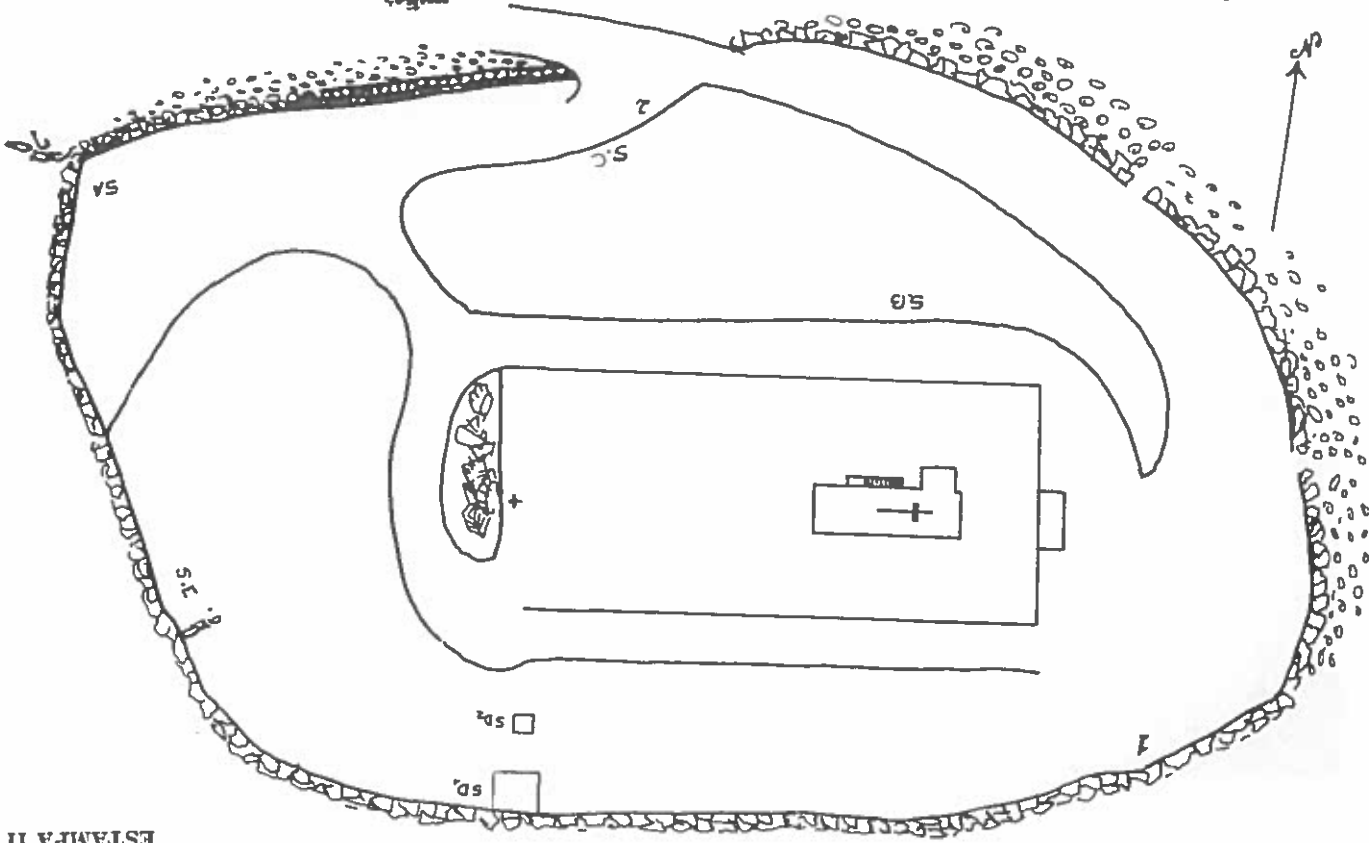


1 — Monte da Senhora da Guia



2 — Objectos anteriormente encontrados

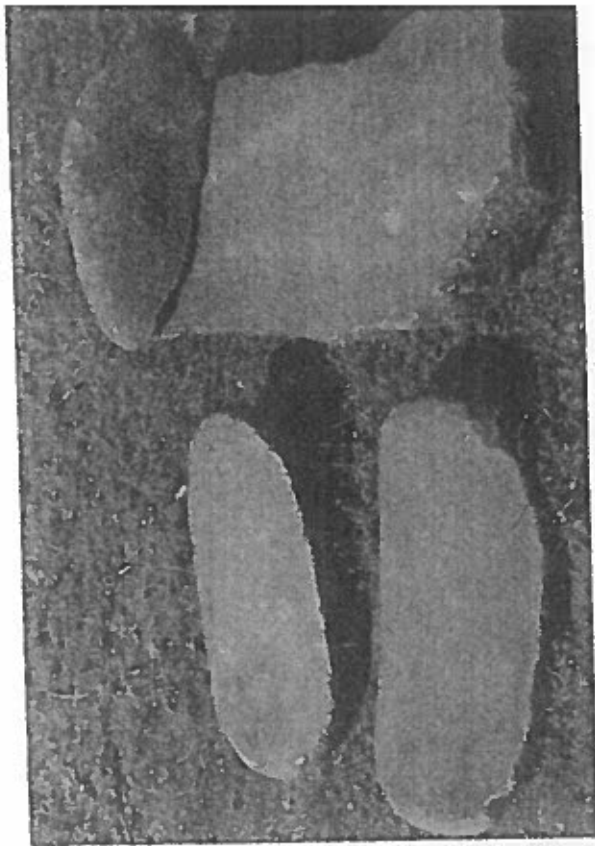
*Planta do bairro de S. Antonio da Guara*



ESTAMPA II

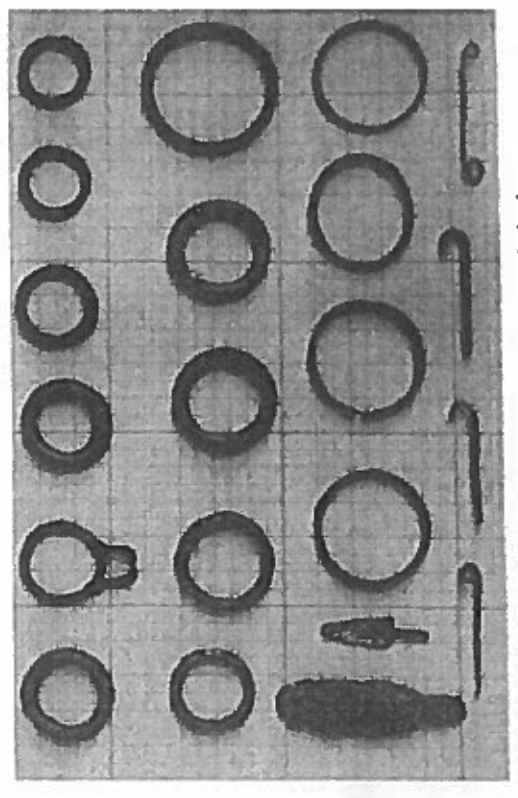


1 — Objectos Líticos



2 — Moínhos

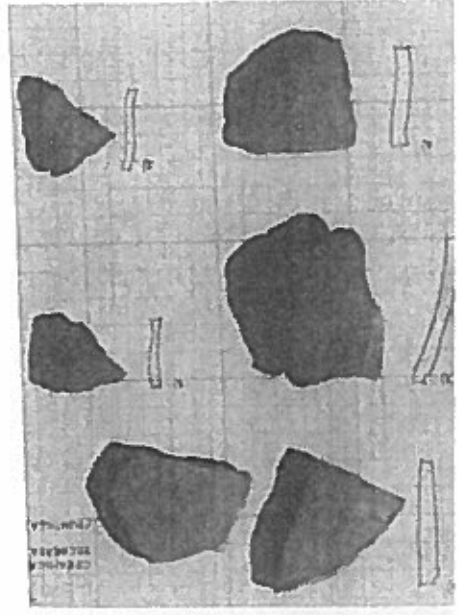
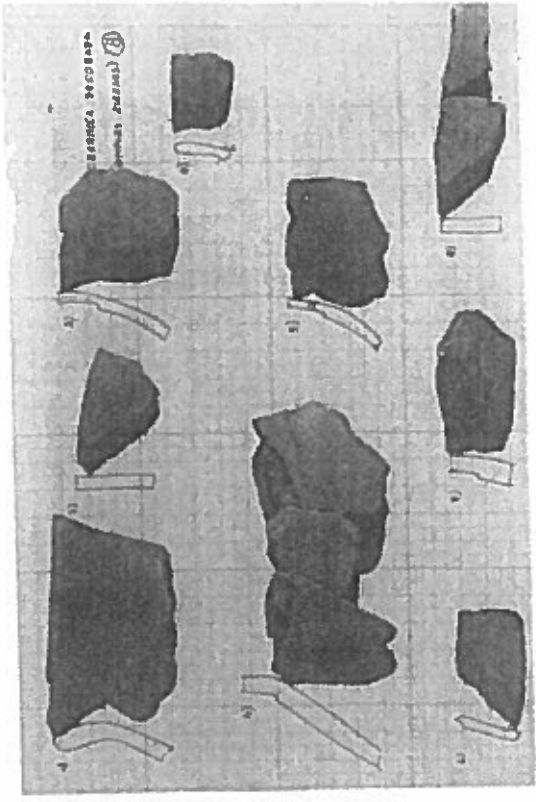
ESTAMPA I



1 e 2 Pontas de lança · 3 terminal de lança :

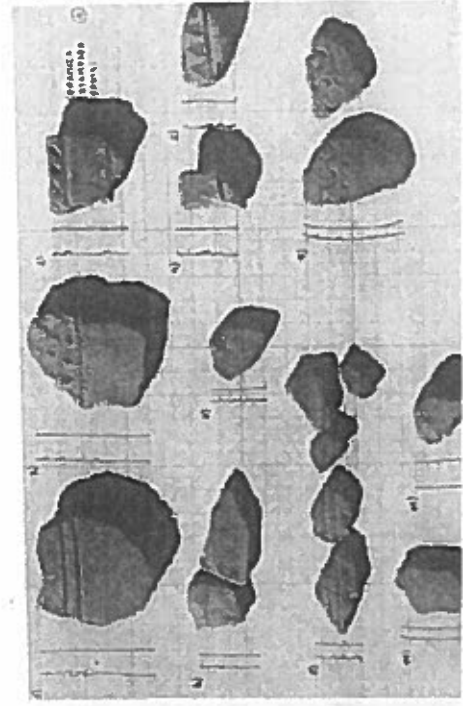
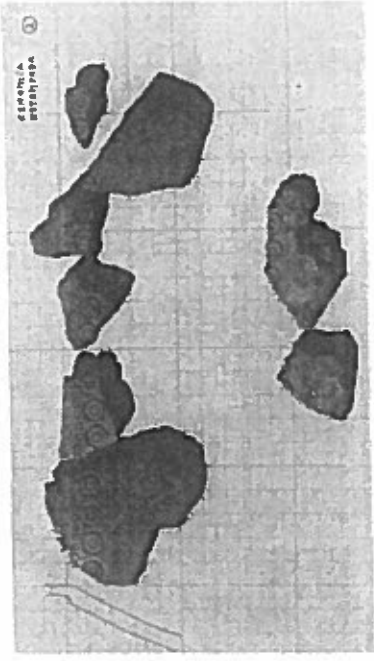
ESTAMPA V

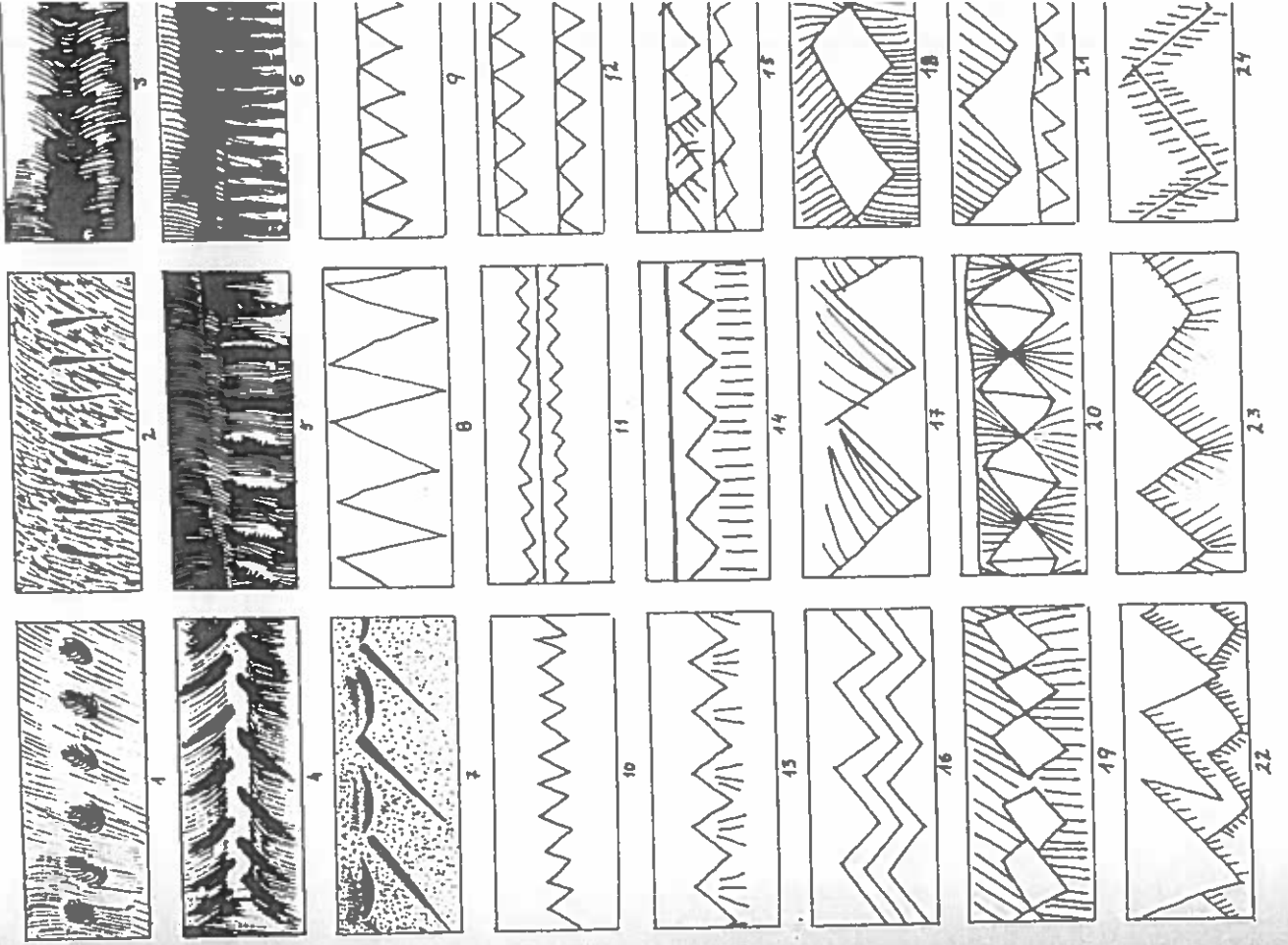


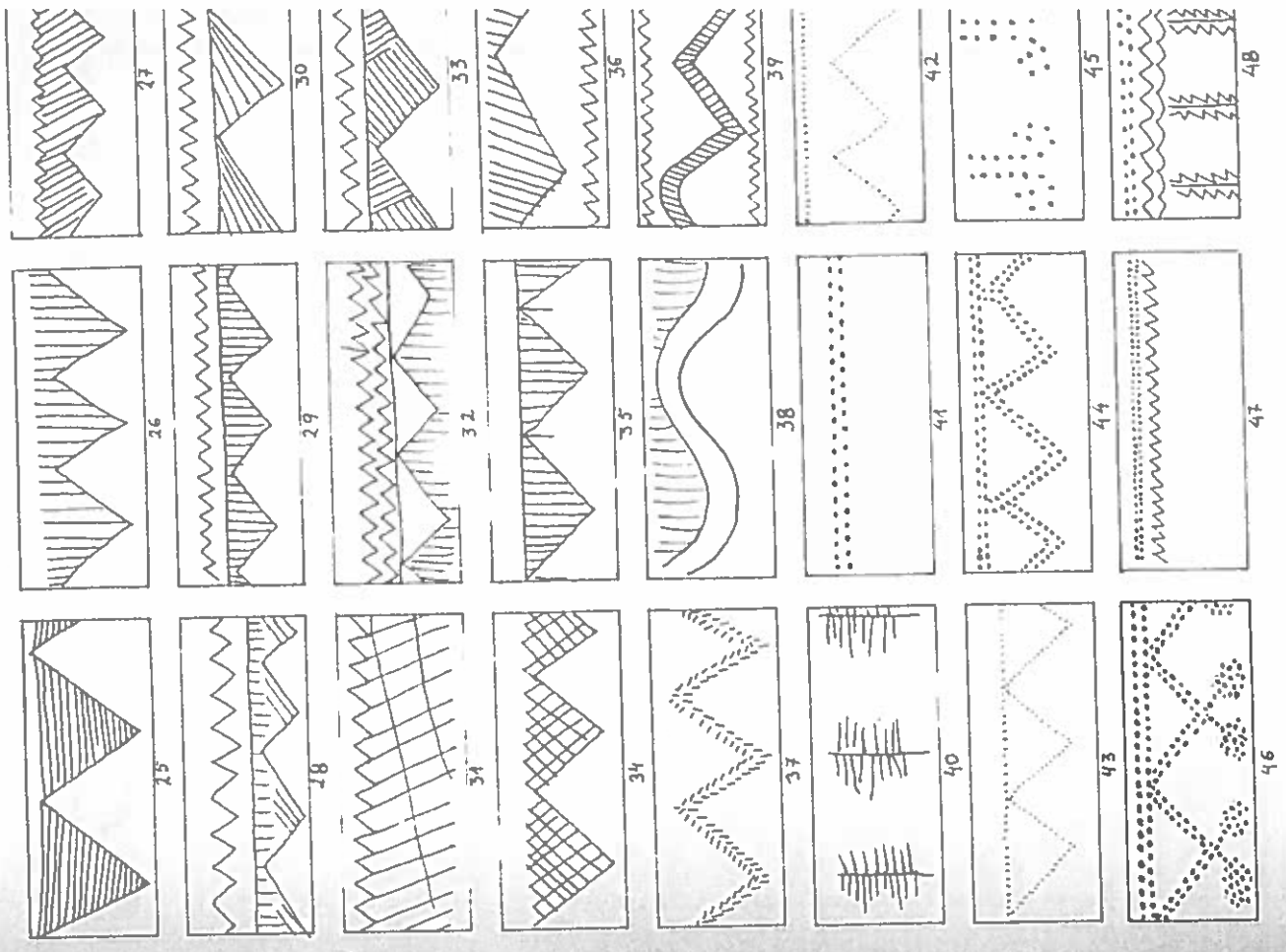


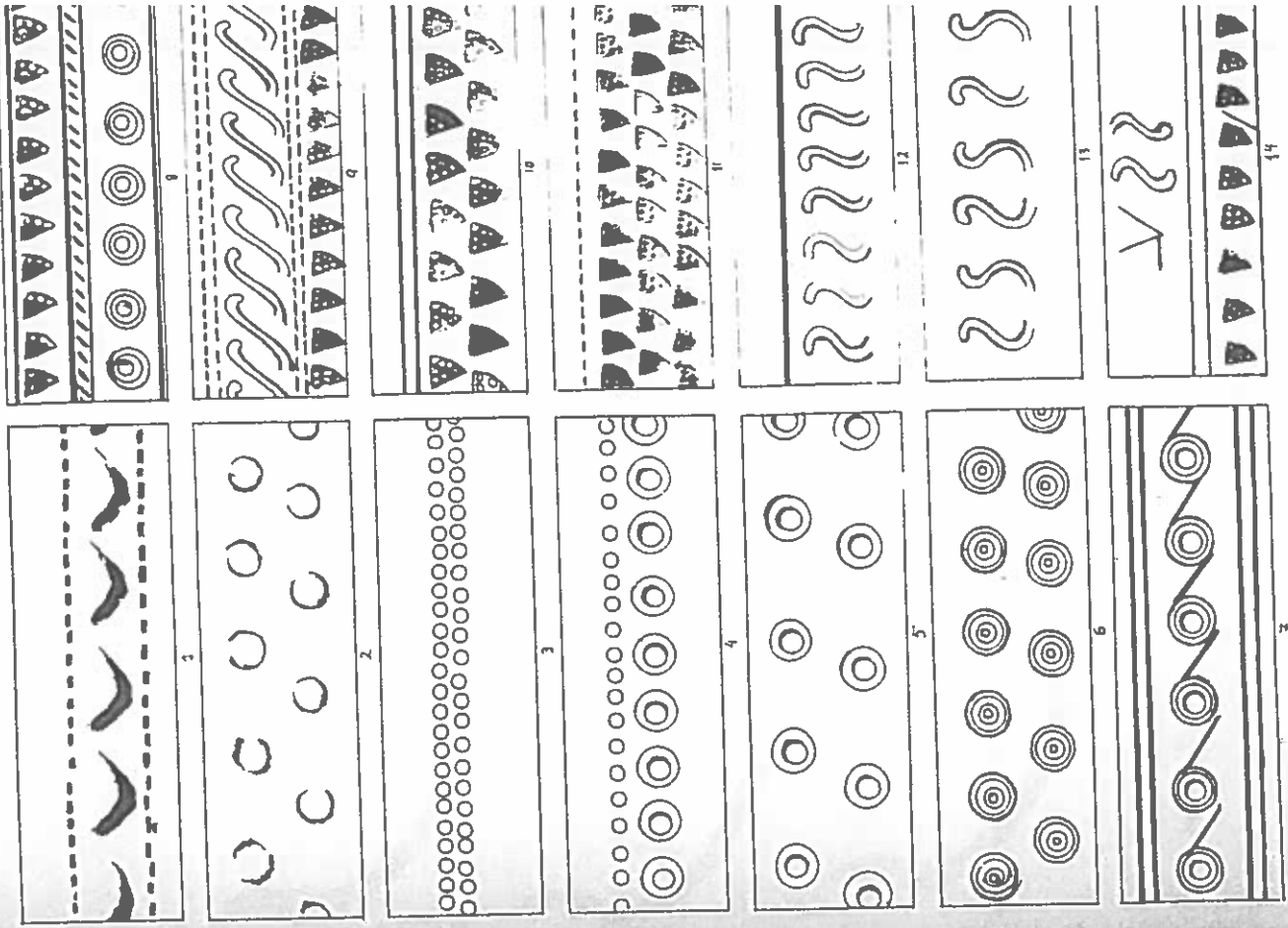


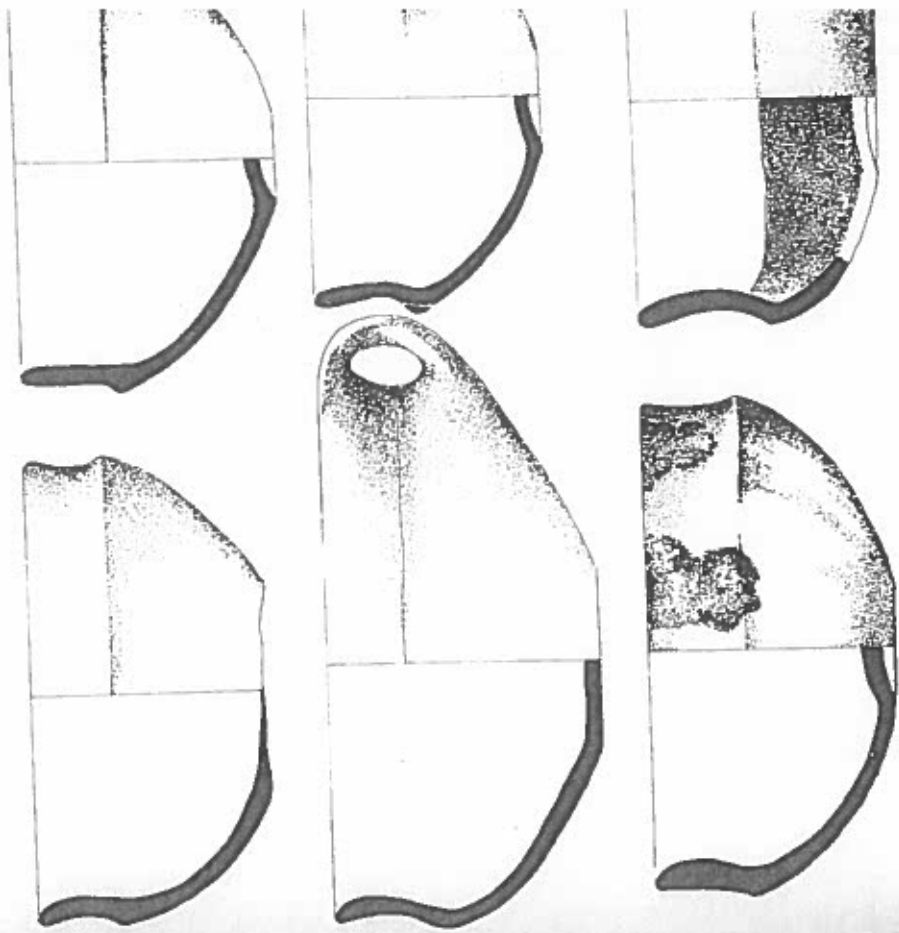
ESTAMPA VII





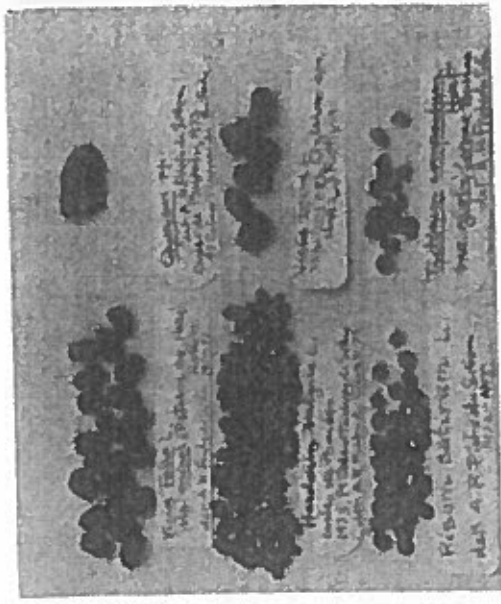




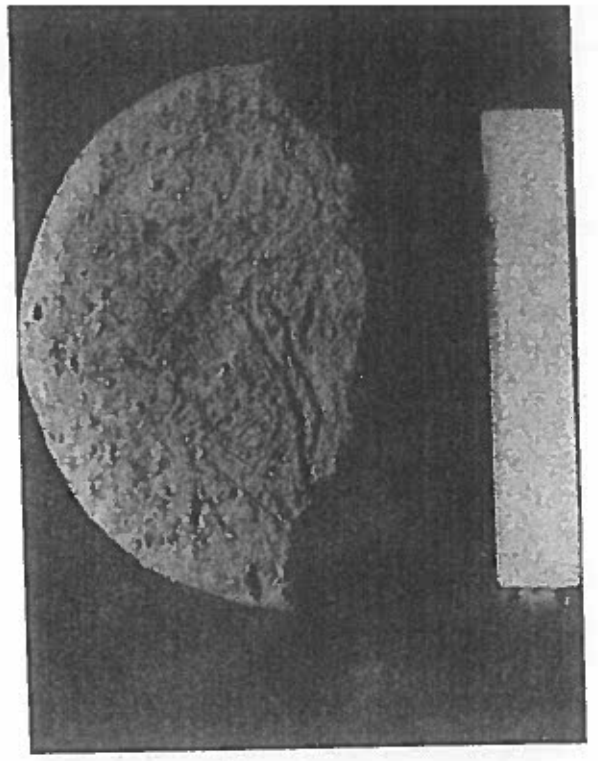


Taças carenadas

Escala 1 : 2



1 -- Sementes



2 -- Impressões vegetais

Espécies encontradas:

- 1.<sup>a</sup> — *Panicum miliaceum* L. (milho miúdo);
- 2.<sup>a</sup> — *Vicia faba* L. var. *minor* (fava);
- 3.<sup>a</sup> — *Pisum sativum* L. (ervilha);
- 4.<sup>a</sup> — *Hordeum vulgare* L. (cevada);
- 5.<sup>a</sup> — *Triticum compactum* Host var. *globiforme* (trigo);
- 6.<sup>a</sup> — *Quercus* sp. (bolota).

O autor da comunicação faz ainda o estudo comparativo das sementes de Baiões com as de outras estações arqueológicas e, pela morfologia e características específicas, confirma a data atribuída ao castro e aponta a origem mediterrânica da maior parte das espécies encontradas.

Também neste castro se descobriram algumas impressões vegetais na cerâmica, por contactos fortuitos, antes de secar, que Pinto da Silva igualmente estudou, tendo identificado três impressões de *Pteridium aquilinum* (L.) — feto — e uma de *Erica* cf. *australis* L. — queiró.

Foi este o primeiro estudo de impressões vegetais que se efectuou em Portugal. (Est. XII).

### III — ASPECTOS GERAIS E CRONOLOGIA

As escavações confirmaram plenamente o aspecto arcaizante do castro. Na área escavada e nas várias sondagens efectuadas encontraram-se diversas lareiras, mas não se detectou qualquer vestígio de paredes, por mais rudimentares que fossem, pelo que se pode concluir, com toda a segurança, não ter este castro ultrapassado a fase evolutiva das cabanas de ramagens. Se bem que H. N. Savory seja de opinião de que tais formas de habitação possam persistir até ao século II a. C. (º), a maior parte dos autores atribui-lhes uma datação muito anterior.

Não se encontrou o mais leve vestígio de ferro, e os moinhos, por sinal em grande quantidade, são todos de tradição neolítica. Também os instrumentos líticos, nomeadamente os machados, os raspadores, etc. nos apontam horizontes eneolíticos em persistências tardias, que nunca «pós-hallstáticas». Característicos do Bronze Atlântico são os *palstaves*, anteriormente encontrados, bem como as pontas de lança e fíbulas que também nos indicam o Bronze Final.

Esta última datação é francamente apoiada pelo grosso da cerâmica, cuja decoração incisa reproduz fielmente o geométrismo estagnado da Idade do Bronze, derivado da fase final do campaniforme, que, no Noroeste da Península, permanece ao longo das primeiras fases da cultura castreja. Do mesmo modo, as pequenas taças carenadas e geminadas constituíam formas correntes do Bronze primitivo na área da costa oriental da Espanha, donde viriam



festações da cultura castreja se situa na região de Lafões, em plena Beira Alta. Todos os resultados de semelhantes análises aplicadas, quer aos castros portugueses, quer espanhóis, nos indicam datas posteriores, podendo, por conseguinte, pôr-se a hipótese da prioridade dos castros da Beira Alta em relação aos do Norte.

Difícil, porém, se torna explicar a presença da *cerâmica estampada*, cujos padrões, segundo a opinião comum, parecem ser posteriores ao século V a. C., quando tudo leva a crer que os ocupantes abandonaram precipitadamente o local, sem qualquer outro vestígio de regresso posterior.

Foi sobretudo para esclarecimento do problema suscitado que resolvemos, com a colaboração técnica dos arqueólogos alemães Filina Kalb e Martin Höck, proceder a novas sondagens, cujo resultado não veio alterar as conclusões anteriores; aliás confirmou o único horizonte de ocupação ao qual se deverá atribuir todo o espólio (10). Há, por isso, que rever a datação da *cerâmica estampada*, visto que, em Baiões, ela se se insere num conjunto rigorosamente datado da primeira metade do século VII a. C.

Sem falar nas jóias casualmente descobertas em 1947, muitos e valiosos, para a época, objectos de bronze foram encontrados ao lado de vasos inteiros de cerâmica, ou de fácil reconstrução, em franco contraste com outros castros dotados de estruturas imponentes e áreas incomparavelmente superiores. Só por meio de um abandono precipitado e irreversível se pode explicar tal facto. Guerra?... Incêndio?...

Talvez uma e outro, pois, se as espessas camadas de cinza, com frequência detectadas, apoiam a hipótese do incêndio, este não parece suficiente para impedir o regresso dos moradores à procura dos seus instrumentos e reerguerem as pobres choupanas.

De qualquer modo, o castro usufruiu, até final, de um certo grau de prosperidade em relação ao tempo. Os meios de subsistência da população nativa eram assegurados por uma agricultura relativamente desenvolvida, a avaliar pela variedade de sementes

até aqui através da cultura *argélica*, ou, mais tarde, dos Campos de Urnas.

De qualquer forma, evidente se torna que o conjunto do espólio de Baiões, na sua expressão mais significativa, aponta um horizonte do Bronze Final. Contudo, a *cerâmica estampada*, com os conhecidos motivos de formas circulares e SSS, é considerada mais tardia, comumente atribuída ao século V ou mesmo IV a. C.

O facto teria fácil explicação, se considerarmos esta presença como resultado de um segundo nível de ocupação em tempos posteriores, seja por continuidade, seja por reaproveitamento do castro. Todavia, os trabalhos da escavação não demonstraram a existência de estratos diferenciados de ocupação, apesar do cuidado que houve na investigação de estratigrafias. Todo o material se encontrava numa única camada arqueológica, pouco espessa, onde as formas mais antigas se misturavam com as consideradas mais recentes.

Só o estabelecimento de uma cronologia absoluta poderia responder satisfatoriamente ao problema que tal facto levantava.

Dispúnhamos já de uma apreciável quantidade de carvão recolhido em boas condições para efeito de análise do corbono 14, mas quis a sorte conduzir-nos à descoberta de uma ponta de lança, em cujo alvado se encontravam ainda os restos do seu cabo de madeira, material óptimo para o fim em vista.

Interessada, desde a primeira hora, pelo espólio desta estação, a Dr.ª Filina Kalb, directora da Delegação do Instituto Arqueológico Alemão em Lisboa, diligenciou, a nosso pedido, no sentido de o mesmo Instituto assumir o encargo de mandar proceder à análise referida, o que de facto fez, confiando a tarefa ao Laboratório especializado da Universidade de Croningen (Holanda).

O resultado foi-nos comunicado com data de 16 de Fevereiro de 1976, atribuindo à madeira analisada 2650 ± 130 anos. Esta datação está de pleno acordo com o contexto de todo o material exumado e vem demonstrar-nos que uma das mais antigas mani-

e quantidade de moinhos, a que subsidiariamente se juntava uma pastoreira activa; e as armas e instrumentos de trabalho saíam de uma indústria metalúrgica local, comprovada por vários fragmentos de moldagem encontrados.

A economia do castro assentava já numa base sólida e geradora de riqueza que ainda hoje é válida em relação ao progresso e desenvolvimento de qualquer povo. <sup>(11)</sup>

#### NOTAS

- (1) Pellicer Catalán, «Gran Enciclopedia RIALP» in Castros y Citánias.  
(2) Strabon, Geogr., L. III, cit. por A. Schulten, «Viriato», trad. de Alfredo Ataíde, pág. 29, Porto, 1940.  
(3) J. Maluquer de Motes, «La Humanidad Prehistorica», pág. 335, Barcelona, 1958.  
(4) J. Maluquer de Motes, «La Originalidad de la Cultura Cas-treña», Trabajos de Antropología e Etnología, vol. XXII, pág. 340 e 341, Porto, 1973.  
(5) Frei Agostinho de S.ta Maria, «Santuário Mariano», livro II, pág. 289, 1716.  
(6) Mário Cardozo, Estação Pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», pág. 255.  
(7) Mário Cardozo, «Citânia e Sabroso», pág. 49.  
(8) A. R. Pinto da Silva, «Carbonized Grains and plant imprints in ceramics from the castrum of Baiões (Beira Alta, Portugal), folia quaternaria 47, Krakow, 1976.  
(9) H. N. Savory, «Espanha e Portugal», pág. 266.  
(10) Philine Kalb, «Senhora da Gula, Baiões, Die Ausgrabung 1977 Elner Höhensiedlung Der Atlantischen Bronzezeit in Portugal», Heidelberg, 1978.  
(11) As fotografias das estampas IV, V e VI são de Filina Kalb e Martin Höck; e os desenhos, de António Baptista.